

## Narrando histórias e imprimindo representações de ciganos em jornais campinenses<sup>1</sup>

Gilmara Tavares Batista<sup>2</sup>

**Resumo:** A partir das observações dos jornais diários na cidade de Campina Grande – Paraíba na década de 1980, pretendemos analisar, neste texto, como a mídia apresenta os ciganos e alguns aspectos culturais desta etnia, porém com ênfase nas questões relativas aos desvios das normas de condutas que afetariam o cotidiano da cidade. O objetivo é perceber de que forma as narrativas construídas pelos jornais Diário da Borborema, Jornal da Paraíba e Gazeta do Sertão constroem estereótipos, que associam certas práticas de crimes a este grupo. Com a publicização e exposição destes sujeitos nos jornais, estes meios de comunicação influenciaram a sociedade campinense na construção de uma representação negativa dos ciganos, propagando e reforçando na população, sentimentos de medo e de curiosidade, o que contribuiu e ainda contribui para a repercussão do conjunto de discursos preconceituosos que frequentemente são relatados na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** ciganos, imprensa, representações, história.

### Introdução

A presença de ciganos<sup>3</sup> na cidade de Campina Grande e em localidades vizinhas foi um assunto abordado predominantemente nas páginas policiais dos jornais impressos locais, na década de 1980 e estes revelam variados discursos que colaboraram para a construção de representações<sup>4</sup> para estes sujeitos.

É possível encontrar ciganos das etnias<sup>5</sup> *calon* e *kalderash*<sup>6</sup> nesta cidade, porém, em alguns casos relatados nos jornais e trazidos neste texto, não podemos afirmar de que grupo seriam alguns ciganos personagens nesta história. Segundo Rodrigo Teixeira (2009), os ciganos estariam divididos entre os *Rom* (entre eles os *Kalderash*, sendo o grupo

---

<sup>1</sup> Este artigo faz parte da pesquisa de mestrado, que está sendo desenvolvida junto ao PPGH-UFCG na linha de pesquisa “Cultura e Cidades”. A pesquisa tem incentivo financeiro da CAPES.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação em História – UFCG. E-mail: [gilmara.batista@live.com](mailto:gilmara.batista@live.com).

<sup>3</sup> Utilizamos o termo cigano, por ser mais usual entre os pesquisadores, porém chamamos atenção para o fato de que isto vem mudando e alguns estudiosos já começaram a usar o termo *Rom*, que seria menos preconceituoso, já que o termo *cigano* estaria carregado de estereótipos. Segundo Goldfarb (2004), com quem corroboramos, “o termo cigano deve ser revestido de particularidades” (p. 78). No caso, é necessário pensar a historicidade do termo como construção, assim como é das identidades ciganas.

<sup>4</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. 2 ed. Difel, 2002.

<sup>5</sup> Entendemos que os ciganos são um grupo étnico, que define-se por ser culturalmente diferenciado de outros, levando em conta que “a interação em um sistema social como este não leva a seu desaparecimento por mudança e aculturação; as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato inter-étnico e da interdependência dos grupos” (BARTH, 1998, p. 188).

<sup>6</sup> Na pesquisa desenvolvida no Mestrado, damos preferência a um grupo familiar de *calons*, tendo em vista que foram os mais atingidos com os discursos negativos da mídia.



majoritário), os *Calon* (que tiveram contato prolongado com os povos ibéricos, tendo migrado de lá para o Brasil) e os *Sinti* (que são muitos na França, Itália e Alemanha).

Os ciganos passaram por diversas peregrinações pelo mundo e foram, ao longo do tempo, marginalizados, segregados e excluídos. A intolerância às suas culturas os acompanhou até sua chegada ao Brasil, para onde chegaram degredados<sup>7</sup> por decretos e ordens régias no século XVI. Por serem considerados marginais à sociedade, devido à manutenção de suas práticas culturais diferenciadas da população por onde passavam, os ciganos foram intensamente perseguidos nas cidades europeias e também no Brasil. De acordo com Erving Goffman, “o indivíduo estigmatizado se define como não diferente de qualquer outro ser humano, embora ao mesmo tempo ele e as pessoas próximas o definam como alguém marginalizado” (GOFFMAN, 2012, p. 119).

Nos acervos, pudemos folhear coleções encadernadas que constituem arquivo para o historiador, o que contribuiu enormemente para a produção da pesquisa. No caso, “faz então o papel de uma fonte onde a História busca, como alhures, documentos” (MOUILLAUD, 2012, p. 95).

Os jornais impressos Diário da Borborema, Jornal da Paraíba e Gazeta do Sertão – todos paraibanos – imprimiram em suas páginas o cotidiano da cidade e questões relacionadas à recepção pela sociedade, dos ciganos e outros forasteiros. Nas páginas dos jornais e em outros textos, observamos discursos que exaltam esta cidade, supostamente ordeira e moderna, mas que parece ser vivida de diferentes formas, uma vez que outros setores da população, como os populares, aparentemente<sup>8</sup>, viviam na cidade, à sua maneira, e por isso, estariam em desacordo com o processo pelo qual Campina Grande passava, deixando

---

<sup>7</sup> Sobre a questão do degredo para o Brasil, ver: COSTA, Elisa Maria Lopes da. *O povo cigano e o degredo: contributo povoador para o Brasil colônia*. In: ARAÚJO, Emanuel. (editor) *Textos de História: Revista do Programa de Pós Graduação em História das UnB*. V. 6, nº 1 e 2. Brasília: UnB, 1999. COELHO, Adolpho. *Os ciganos de Portugal, com um estudo sobre o calão*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1892. CHINA, José B. D'Oliveira. *Os ciganos no Brasil*. (Subsídios históricos, ethnographicos e linguísticos). Imprensa Oficial do Estado. São Paulo, 1936. E ainda, PIERONI, Geraldo. *Vadios e ciganos, Heréticos e bruxas. Os degredados no Brasil-Colônia*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil: 2006.

<sup>8</sup> Sobre a cidade ser supostamente ordeira que estava em nota: Sobre a modernidade em Campina Grande e as contradições do desenvolvimento da cidade com relação ao cotidiano da população, ver: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. *Por uma vida menos infame*. In: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. (org.). *Populares na cidade: vivências de trabalho e lazer*. João Pessoa: Ideia, 2011. (p. 81-107). E ainda: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. *Lazer e desenvolvimento em uma cidade de porte médio entre as décadas de 1950 e 1960 do século XX*. In: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. FALCÃO, Luiz Felipe. (orgs.). *Campina Grande: EDUFCG*, 2012. E SILVA, Luciana Estevam da. *Cidade e Violência: Campina Grande na década de 1980 e as representações do “Mão Branca” nos jornais*. Dissertação de mestrado, PPGH-UFCG. Campina Grande, 2010. Estes textos apresentam ideias com as quais corroboramos, no sentido de que a modernidade exaltada por cronistas dos jornais nem sempre estava de acordo com o que vivia parte da população.

inclusive a cidade em clima de intranquilidade, como anunciavam os jornais. Para nós, tornou-se importante a escrita desta história, uma vez que,

As memórias construídas sobre a cidade de Campina Grande, entre as décadas de 1960-1980 falam de muitos sucessos comerciais e empresariais; informam sobre a criação de centros de educação, da construção da Federação das Indústrias do estado e de várias empresas de beneficiamento de produtos; do grande crescimento urbano, com a construção de praças, avenidas e prédios altos, mas pouco falam das pessoas, dos populares que habitavam ruas e becos, áreas insalubres e inóspitas, que só vão aparecer nos jornais em seus momentos de fúria, desavenças e humilhação (SOUZA, 2011. p. 91-92).

Analisaremos algumas das representações sobre os ciganos nos jornais e destacamos que tal discussão mergulha fortemente na questão da alteridade. O contato com a cidade provocou sentimentos diversificados nos ciganos e nos moradores que mantiveram contato com eles. Os relatos orais de memória de não ciganos fizeram-nos pensar em como as narrativas textuais dos jornais foram capazes de construir representações e um imaginário sobre os ciganos de forma extremamente negativada. Com frequência, quando falamos que estamos estudando ciganos em Campina Grande, algumas pessoas chegam a nos questionar “Onde é a comunidade dos ciganos que você estuda?” ou “E em Campina tem cigano? Nunca vi”, ou ainda “Cuidado com eles. São muito perigosos”.

Mas, afinal, quem são estes ciganos? De antemão, já alertamos que não teremos uma resposta única. Entre os próprios ciganos, há contradições sobre suas próprias identidades. Alguns se dizem ciganos por terem o mesmo sangue de parente cigano, outros porque foram morar com ciganos e “tornaram-se” ciganos, outros também porque se casaram com alguém de etnia cigana. Como defini-los? É a composição das roupas que os define? Os traços físicos? Características culturais em comum? Costumes? Cometeríamos um erro se os definíssemos de uma única forma, pois fazem parte de uma cultura heterogênea, o que impossibilita encontrar uma possível essência do ser cigano.

Em se tratando da heterogeneidade cultural desta etnia, podemos pensar os ciganos como um grupo que é produto de complicados cruzamentos e misturas culturais, como afirma Hall (2006), que destaca que há identidades culturais que não são fixas e se encontram em constante transição ou suspensão, que emergem de uma mescla de diferentes tradições culturais. Os ciganos provêm destes processos de hibridização cultural, que absorve diferentes identidades culturais e dá um sentido complexo, contraditório e heterogêneo às suas práticas

culturais. Ou, como ele aponta, referindo-se à identidade cultural, “a identidade cultural plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p. 13).

O imaginário social construído em torno dos ciganos é que faz com que muitas pessoas pensem que não existam pessoas desta etnia nesta cidade. Logo, não veem acampamentos, nem mulheres ciganas com suas roupas coloridas lendo a *buena-dicha* (a prática da quiromancia - leitura das mãos para saber o destino e o futuro) ou as cartas, nas ruas. Os ciganos em Campina Grande não vivem em comunidade, não montam acampamentos, não são mais nômades. Eles não lutam por políticas públicas nem programas sociais do governo para sobreviverem (diferente do que acontece em Sousa – PB e em outras regiões do Brasil) e, em sua maioria, são pessoas que têm estabilidade profissional, estudam e mantêm residências fixas em bairros da cidade.

### **A presença de ciganos na Paraíba: algumas reflexões**

Quando escolhemos estudar os ciganos na cidade, enfrentamos o desafio de observar uma gama de cidades discursivas nos jornais. E nestes discursos, os ciganos surgem como moradores e como passantes, como pessoas boas e como pessoas criminosas, perigosas.

Devido à famosa feira de Campina Grande, que já existia no século XIX, temos notícias dos ciganos, pois eles contribuíram desde esta época para o comércio desta cidade, com a comercialização de seus produtos e com sua cultura. Os ciganos sempre mantiveram fortes ligações com as feiras, sendo esta um local de encontro, além dos arredores desta cidade e em cidades vizinhas, numa circulação de bens para o comércio e de pessoas (com seus hábitos, tradições e culturas).

Segundo Cristino Pimentel, o Comércio Velho na cidade de Campina Grande, criado em 1928, “foi considerado na época uma construção suntuosa (...). Comércio Velho era uma espécie de cortiço: acolhia as famílias dos pequenos comerciantes, e, na frente, ciganos armavam tendas ficavam ocupando a parte aberta do prédio, formada em arcos” (PIMENTEL, 1956, p. 23).

Os estudos sobre o tema se mostram atuais, uma vez que estes sujeitos circulam ou se estabeleceram no Estado e podem ainda ser vistos em suas andanças pelas cidades. Os trabalhos sobre os ciganos na Paraíba são, em sua maioria, restritos a análises e contribuições efetivadas prioritariamente por sociólogos e antropólogos.

Colocamo-nos neste debate partindo do pressuposto que, enquanto historiadores culturais, podemos investigar – tomando como ponto de partida as fontes existentes – como foram construídas historicamente imagens e representações de ciganos na cidade de Campina Grande, travando diálogos também com a literatura sobre esta etnia nestas áreas de pesquisa. Obviamente, é fato que nas nossas análises não será possível abarcar a totalidade de questões as quais podemos investigar, pois estas histórias são contínuas. Nesse sentido, lembramos que,

Uma “história de ciganos” deve ser feita de muitas exceções, impossibilidades, contradições, incongruências, contrassensos. Essa perspectiva extrapola a coerência que a escrita tradicional do historiador exige; as condições espaciais e temporais individualizam muito os ciganos; a história dos ciganos é a história de um mosaico étnico. Este cigano – total abstração – é como a repetição infinita de um modelo ou motivo que se realiza através de variantes ilimitadas (TEIXEIRA, 2009, p. 19).

Frans Moonen (2004) realizou pesquisa em Sousa – PB. Naquela região, convivem grupos ciganos numa das maiores comunidades ciganas do Nordeste e, de fato, a mais conhecida e estudada em nosso estado. A pesquisa, feita a pedido da Procuradoria da República na Paraíba, abriu o caminho para pesquisas posteriores sobre o tema<sup>9</sup>.

Neste texto, Moonen faz uma síntese do viver em comunidade cigana no sertão da Paraíba e faz algumas denúncias acerca de como os ciganos sobreviviam na região, ressaltando a pobreza, a miséria, e suas péssimas condições de vida. Na década de 1980, os ciganos sedentarizaram-se nesta região, e a partir disso, o maior problema foi conseguir a renda para sobreviver. Quando eram nômades, os homens vendiam, trocavam animais, faziam trabalhos em fazendas, mas depois da sedentarização não conseguem mais o sustento da família, encontrando muitas dificuldades para sobreviver.

Ainda sobre os ciganos na Paraíba, Maria Patrícia Lopes Goldfarb (2004) nos aponta outras perspectivas de análises para o caso dos ciganos *calon* de Sousa. Em tese, a autora confirma algumas das considerações postas por Frans Moonen, de que haviam se sedentarizado na década de 1980, tendo o terreno sido doado por um político local. Vivendo ainda em péssimas condições de vida, sobrevivendo da mendicância, com alguns homens fazendo pequenos serviços, e com algumas poucas pessoas recebendo aposentadorias, a

---

<sup>9</sup> A maior parte dos trabalhos se refere ao município de Sousa, mas há pesquisas sobre os ciganos de Patos, Mamanguape e Condado, em sua maioria são pesquisas em antropologia.

pesquisadora notou que algumas questões retratadas por Moonen, ainda estariam em pauta dez anos depois da pesquisa realizada por ele.

Mas a análise da autora diz respeito também à construção da identidade cigana, a partir do processo de diferenciação social. Neste caso, a autora toma por base elementos que afirmam a “ciganidade” do grupo, como a língua *calé* e o passado nômade constantemente rememorado, chamado no texto de “o tempo de atrás”. A memória é a grande chave da sua tese, uma vez que, na cidade de Sousa, “os grupos ciganos fazem uso da memória para pensar e conceituar o seu tempo presente (de sedentarização) e o seu passado (de nomadismo)” (GOLDFARB, 2004, p. 37).

Outra questão analisada pela pesquisadora foi como os moradores de Sousa percebem os ciganos. Ela conclui que os ciganos são representados de forma estigmatizada. A partir dos depoimentos, foi possível observar que os não ciganos relacionam os ciganos sempre à sujeira, à prostituição e ao perigo, termos que também vamos encontrar quando observamos as referências aos ciganos em Campina Grande.

### **A representação dos ciganos impressa nas páginas dos jornais**

Após tomarem proporções industriais e massivas, como apontam alguns estudos da Comunicação, e alcançarem públicos cada vez maiores, os veículos de comunicação passaram a se configurar como uma das principais formas de saber o que se passa na sociedade. O jornal impresso, uma das primeiras expressões midiáticas a alcançar a “massa”, tem papel importante para nosso estudo pela relevância social que possuía nos períodos que abordamos.

No nosso caso específico, seu lugar de referência na construção das narrativas sobre o cotidiano de Campina Grande aponta para seus conhecidos valores profissionais, como o dever de informar a verdade dos fatos, e a suposta neutralidade ou imparcialidade, que fica, aos nossos olhos, suprimida pelas intencionalidades expostas nas produções jornalísticas analisadas.

Nos jornais, vemos expostas as Histórias de vidas marcadas por violências e medo por parte de quem via as cenas e de quem contribuía para os casos. Nas narrativas do jornal, veem-se famílias em polvorosa, com medo da insegurança no próprio lar. Estas cenas podem ser observadas nas páginas policiais, que têm em sua maioria, os populares como personagens principais. Nestes espaços, portanto, a violência é destaque.

Muitas são as notícias em que encontramos ciganos em Campina Grande, sobretudo na década de 1980<sup>10</sup>, num contexto de violência em que se encontrava o estado da Paraíba, segundo relatam os jornais<sup>11</sup>. Entendemos a notícia como “uma representação social da realidade quotidiana, produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível” (ALSINA, 2005, p. 299).

Percebemos que, supostamente, qualquer acontecimento que envolvesse o termo *cigano* era noticiado. E em setembro de 1981, surge a manchete: “‘Cigano’ fere PM após discussão na bodega” e a notícia a seguir confere ao “cigano” a identidade de “desordeiro”. Segundo o jornal, o “cigano” teria chegado *cantando valentia e dizendo que não temia a ninguém*, num bar onde se encontrava um policial, que acabou sendo ferido por este primeiro, após um desentendimento<sup>12</sup>.

Não sabemos como esta história terminou pois, no jornal, referências a este incidente não foram mais veiculadas. O Jornal da Paraíba também anunciou o caso, com profundo desprezo pelo cigano, pois o policial estava gravemente ferido. A expressão “cantando valentia” é dita nas entrevistas também como fator de muitas confusões em que os ciganos, ao estarem em bares, se envolviam. Negar ou duvidar da força do cigano, de sua masculinidade ou mesmo de sua índole, eram motivos para brigas e confusões, como a que se envolveu “cigano”, assim como o é para muitos outros homens não ciganos na época ou mesmo na contemporaneidade, em que a ideia de masculinidade deve ser defendida com violência.

O que notamos é que os ciganos vão aparecer nas páginas policiais dos jornais, onde são exibidas imagens desta minoria social enquanto problema para a população campinense<sup>13</sup>. Os jornais buscavam noticiar fatos sobre ciganos, mesmo que fossem de cidades vizinhas, e as publicavam com frequência, como aconteceu na cidade de Aroeiras<sup>14</sup>. Neste caso, o “cigano” foi chamado de “bagunceiro” devido a ter se envolvido em uma briga em que saíram feridas

---

<sup>10</sup> Para mais detalhes acerca dos acontecimentos relacionados aos ciganos em Campina Grande, na década de 1980 e os casos em que se envolveram, ver: BATISTA, Gilmar Tavares. *As práticas culturais dos ciganos na Paraíba: uma trajetória da ‘guerra dos ciganos’ em Campina Grande, entre violências, (an)danças e magias (1980 a 1990)*. UEPB, Monografia, 2011.

<sup>11</sup> SILVA, Luciana Estevam da. *Cidade e Violência: Campina Grande na década de 1980 e as representações do “Mão Branca” nos jornais*. Campina Grande, 2010. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História - UFCG. A autora propõe pensarmos o contexto de violência em que se encontrava a Paraíba na década de 1980, tratando da “violência nas manifestações de justicamento privado”.

<sup>12</sup> Gazeta do Sertão, 17 de setembro de 1981. A matéria relata a briga que aconteceu em um bar da cidade de Campina Grande, em que saiu ferido um policial.

<sup>13</sup> Não será possível, neste texto, abarcar todas as matérias acerca dos ciganos nesta cidade, mas é possível ainda dizer que alguns ciganos acamparam nesta cidade e foram alvo de perseguição até serem expulsos dos locais onde estiveram.

<sup>14</sup> Município paraibano localizado a 105 quilômetros da capital João Pessoa.

duas pessoas não ciganas<sup>15</sup>. O fato é que se trata, mais uma vez, de alguém que se dizia ou era conhecido por “cigano”, por ser desta etnia ou apenas por sua personalidade ser influenciada por ideias que se tem sobre ser cigano. O autor do crime também fugiu e este caso não foi mais retratado no jornal. Percebemos que há certa tendência do jornal em apontar estereótipos que seriam atributos da pessoa cigana, como a valentia dos homens.

Já noutro momento, em 1984, vemos o caso do “cigano” Gesualdo Barbosa – também entre aspas, como coloca o jornal quando geralmente trata-se de ciganos –, tido como “pessoa muito perigosa”, “criminoso”, “pistoleiro”. Segundo os jornais, ele teria causado “terror em vários bairros”, mas não sabemos se de fato ele também seria de etnia cigana<sup>16</sup>.

Esta questão reflete muito no que estamos analisando nestas fontes. Logo, as nossas reflexões partiram de questões do presente. Observamos que o fato de o jornal expor imagens de ciganos sem critérios de avaliação ou de descrição, contribuiu para que representações negativas destes sujeitos fossem criadas. Entendemos que os termos usados pelos jornais e a divulgação exacerbada da figura deste “cigano”, contribuiria para negativar ainda mais a etnia enfatizando os estereótipos em relação aos ciganos. Nesse sentido, nos reportamos ao que nos diz Alsina,

Esses preconceitos e estereótipos fazem parte do nosso universo referencial, que permite que possamos construir nosso sentido. Também há que se considerar que, às vezes, esses preconceitos e estereótipos nos servem como instrumento que nos ajuda a reduzir a complexidade da realidade, ou a dar sentido a realidade das quais temos pouca informação. Por isso, os preconceitos e os estereótipos tranquilizam a nossa ansiedade e a nossa incerteza diante da falta de sentido de uma situação (ALSINA, 2005, p. 274).

Campina Grande, que durante o período estudado, apresenta vertiginoso crescimento não apenas populacional, mas também urbanístico, foi inúmeras vezes narrada por cronistas e pelos jornais como cidade sempre em crescimento e próspera, onde a população era serena e de boa índole. Porém, relendo os jornais da época, vemos o cotidiano de populares expostos de maneira que nos faz pensar em outra cidade, não querida por muitos, pois uma minoria a enfeava, desfavoreciam a modernização exaltada devido às práticas destes populares. Nos

---

<sup>15</sup> Gazeta do Sertão, 13 de abril de 1982.

<sup>16</sup> Jornal da Paraíba, 18 de março de 1984. Esta matéria teve grande repercussão, uma vez que este cigano foi preso e foram exibidas fotografias dele, assim como foi acompanhada a sua trajetória até a sua morte. Ele foi preso e, posteriormente, fugiu da cadeia. Foi novamente recapturado e, quando cumpriu a pena e recebeu sua liberdade, foi assassinado.

jornais, também vemos uma cidade diferente do que se dizia ou se queria. Há várias cidades numa só: alegre, bonita, de gente simples e festiva. Há a cidade dos que sofrem, dos que choram, dos que sentem dores, dos que matam e morrem. Vemos assim, várias cidades textuais e discursivas.

### **Considerações finais**

Estas questões referidas no texto podem ser consideradas como parte de uma possível trajetória dos ciganos nas cidades num movimento marcado predominantemente por intolerância e por perseguições em várias cidades do Brasil. Nesse sentido é que estamos tentando montar estes trajetos, pensando como os ciganos usaram a cidade, transformaram espaços urbanos, socializaram-se com os demais membros dos grupos e com a sociedade não cigana. Entendemos que estas trajetórias de vidas, quando historicizadas, possam contribuir na desconstrução de certos preconceitos existentes por falta de conhecimento.

Consideramos que várias foram as formas pelas quais as pessoas não ciganas construíram seus imaginários acerca dos ciganos. Esta rejeição, estes estereótipos e preconceitos foram construídos historicamente de diversas formas: na literatura, em filmes, peças teatrais, novelas e no caso desta cidade, sobretudo pela mídia local, como os jornais impressos. Estes fatores se refletem em questões que se colocam na contemporaneidade, quando vemos, por exemplo, atitudes de preconceito contra pessoas de etnia cigana nesta cidade.

Pelo que foi exposto, Percebemos que em Campina Grande, devido, sobretudo, aos relatos feitos pela mídia na década de 1980, os ciganos contemporâneos que moram nesta cidade, são tidos por alguns moradores não ciganos como sucessores de uma suposta etnia cigana cheia de defeitos e contradições e são comumente representados como pessoas que “carregam” consigo uma tradição de aspectos ruins.

### **Referências**

ALSINA, Miguel Rodrigo. *A construção da notícia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BARTH, Frederic. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. In: POUTGNAT, P; FENART-STREIFF, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Difel, 1998.

BATISTA, Gilmara Tavares. *As práticas culturais dos ciganos na Paraíba: uma trajetória da ‘guerra dos ciganos’ em Campina Grande, entre violências, (an)danças e magias (1980 a 1990)*. UEPB, Monografia, 2011.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. 2 ed. Difel, 2002.  
CHINA, José B. D’Oliveira. *Os ciganos no Brasil*. (Subsídios históricos, ethnographicos e lingüísticos). Imprensa Oficial do Estado. São Paulo, 1936.

COELHO, Adolpho. *Os ciganos de Portugal, com um estudo sobre o calão*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1892. CHINA, José B. D’Oliveira. *Os ciganos no Brasil*. (Subsídios históricos, ethnographicos e linguísticos). Imprensa Oficial do Estado. São Paulo, 1936.

COSTA, Elisa Maria Lopes da. *O povo cigano e o degredo: contributo povoador para o Brasil colônia*. In: ARAÚJO, Emanuel. (editor) *Textos de História: Revista do Programa de Pós Graduação em História das UnB*. V. 6, nº 1 e 2. Brasília: UnB, 1999.

CUNHA, Jamilly R. “*O Rancho de cima*” / “*O Rancho de baixo*”: *algumas impressões*. In: *Sendo cigano e estando em Sousa: discutindo os modos de ser após 30 anos de “parada”*. Monografia de Graduação. UFCG, 2013.

GOFFMAN, E. *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. *Definindo os ciganos: as representações coletivas sobre a população cigana na cidade de Sousa – PB*. Ariús, Campina Grande, v. 14, n. 1/2, p. 76–82, jan./dez. 2008. Disponível em: <http://migre.me/gMHuk>.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MONTEIRO, Edilma do Nascimento Jacinto; *Entre os caminhos e as rotas dos ciganos do Vale do Mamanguape*. In: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Anais do evento, 2014. Disponível em: <http://bit.ly/1pSPitj>.

MOONEN, Frans. *Ciganos Calon na cidade de Sousa, Paraíba*. IN: MOTA, Ático Vilas-Boas da. *Ciganos – Antologia de ensaios*. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 131 – 186.

MOUILLAUD, Maurice; Porto, Sérgio Dayrell (Org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

NASCIMENTO, Caroline L. Dantas do. *Pensar os ciganos em Patos*. In: *Ciganos em Patos-PB: o desafio atravessado por geração e gênero*. Monografia de graduação. UFCG, 2013.

NERY, Inalva Bezerra. ARAÚJO, Rute Pereira Alves de. *Políticas de currículo e diversidade - desafios no processo de inclusão escolar de educandos ciganos*. 2011.

PIERONI, Geraldo. *Vadios e ciganos, Heréticos e bruxas. Os degredados no Brasil-Colônia*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil: 2006.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho. *A formação dos(as) professores(as) frente a diversidade: a questão dos ciganos*. João Pessoa, Mídia Ed. 2012.

SILVA, Luciana Estevam da. *Cidade e Violência: Campina Grande na década de 1980 e as representações do “Mão Branca” nos jornais*. Campina Grande, 2010. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História - UFCG.

SIQUEIRA, Robson de Araújo. *Os calon do município de Sousa-PB: dinâmicas ciganas e transformações culturais*. Dissertação de mestrado. Recife – PE, 2012.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. *Lazer e desenvolvimento em uma cidade de porte médio entre as décadas de 1950 e 1960 do século XX*. In: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. FALCÃO, Luiz Felipe. (orgs.). Campina Grande: EDUFCG, 2012.

\_\_\_\_\_. *Por uma vida menos infame*. In: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. (org.). Populares na cidade: vivências de trabalho e lazer. João Pessoa: Ideia, 2011. (p. 81-107).

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. *Ciganos no Brasil. Uma breve história*. Crisálida, Belo Horizonte, 2ª ed. 2009.

### **Jornais pesquisados**

Diário da Borborema, abr. mai. e dez. de 1980.

Jornal da Paraíba, jan. a dez. de 1980; jan. a ago. de 1981; jan. a dez. de 1984.

Gazeta do Sertão, jan. a dez de 1981; 1982. 1984 e 1985.